

A Sala de Aula como Espaço de “Vida Comum” para o Desenvolvimento do Aluno e do Professor

MARY JANE SANTOS DA SILVA SOARES

Mestranda do Programa de Mestrado em Ciências da Educação da
Corporación Universitaria de Humanidades e Ciencias Sociales de Chile

SOLANGE PEREIRA DO NASCIMENTO

Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia
Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas

Abstract

This work follows the methodological contribution of the social and human sciences, as it was developed during the teaching internship at the time of graduation, and aims from a Morinian methodological perspective to present from experiences lived in the classroom, dialogue with the various knowledge to understand the complexity of “common life” in the classroom that involves affective, pedagogical and learning relationships. In this coexistence we learn that this school space is not limited to school shifts only, but to a greater bond that unites educators and students, as it constitutes a new open to possibilities. The story told through materials, toys and games concerns the development of children and the improvement of the pedagogical life of the teacher who goes beyond school, because the encounter that takes place every day and for years in a row creates deep bonds of affection, affection and care.

Keywords: Affectivity, Teacher, Student, Common Life, Education, School.

Resumo:

Este trabalho segue o aporte metodológico das ciências sociais e humanas, pois foi desenvolvido durante o estágio docente na época da graduação, tem como objetivo a partir de uma perspectiva metodológica Moriniana apresentar a partir de experiências vividas em sala de aula, dialogar com os diversos saberes para compreender a complexidade da “vida comum” em sala de aula que envolve relações afetivas,

pedagógicas e de aprendizagem. Nessa convivência aprendemos que este espaço escolar não se limita aos turnos escolares tão somente, mas, a um vínculo maior que une educador e educandos, pois se constitui num novo aberto a possibilidades. A história contada através de materiais, brinquedos e brincadeiras diz respeito ao desenvolvimento de crianças e o aprimoramento da vida pedagógica do professor que vai para além da escola, pois o encontro que se dá todos os dias e por anos seguidos no mesmo ambiente gera laços profundos de afetividade, carinho e cuidado.

Palavras-chave: Afetividade, Professor, Aluno, Vida Comum, Escola.

INTRODUÇÃO

Adentrar ao universo infantil é enveredar por um caminho simbólico e metafórico ao mesmo tempo, porque há uma mente sendo projetada para o futuro, ou seja, para o desenvolvimento da vida adulta. Nesse caminho simbólico, tudo o que é captado pelo olhar ganha forma, ganha vida, torna-se parte de uma história que vai se construindo ao longo da existência. É metafórico, porque há uma linguagem própria, onde há um sentido único cheio de signos e significados.

Neste caminho simbólico e metafórico se encontra uma outra dimensão onde está a base da vida infantil, que são as emoções e a afetividade¹. Portanto, falar sobre este tema implica de acordo com Gomes (2013, p. 510)²

Mencionar que o exercício de pensar a respeito do afetivo no desenvolvimento humano nos colocou dois desafios. O primeiro foi o de romper com o significado do termo *afeto* no senso comum, que remete a afeição e carinho, e buscar o que este termo representa do ponto de vista filosófico In: (MARTINS, 2009); e o segundo, o de superar uma visão estritamente biológica e buscar uma compreensão histórica e social que os processos afetivos adquirem no psiquismo humano. Não obstante, é preciso dizer que esta superação só foi possível com o auxílio do próprio conhecimento filosófico, o qual permitiu suplantar a dicotomia corpo e mente tendo como base o conceito de afeto.

¹ Abbagnano (2000, p. 21)

² Cláudia Aparecida Valderramas Gomes In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 3, p. 509-518, jul./set. 2013.

Desde o nascimento a criança tem a necessidade de atenção e afeto para viver num processo contínuo e harmônico de socialização e integração familiar e social. A afetividade, expressada pelos sentimentos reflete nas relações das pessoas, sendo essencial como fator importante no relacionamento professor e aluno, por exemplo, que na dimensão do ensino-aprendizagem sistemático, abrirá portas para outros signos e significados, diferentes daqueles antes da escola.

O cotidiano da escola implica em colocar num tabuleiro todas as peças para jogar o jogo da vida e ao mesmo tempo, não colocar, pois no âmbito das emoções o conhecido e o desconhecido convivem ainda que em paralelo. Neste contexto evidenciamos a importância da afetividade no sentido das relações interpessoais que se dá entre pais e filhos, entre amigos, aluno e professor, etc., pois, entendemos que a construção do conhecimento e o processo de aprendizagem parte dessas interações sociais positivas, e aqui não podemos negar os conflitos como parte desse processo que revela o sujeito em particular, com suas emoções e o sujeito social em fase de aprendizagem de si mesmo e do mundo que o rodeia.

Denominamos “vida comum” essa relação que se dá em sala de aula, especialmente entre crianças das séries iniciais, pois vínculos de afetividade e construção do ser pessoa se dá através desses processos que envolve outras relações ‘longe de casa’ e ao mesmo tempo extensão dela, onde a construção desse novo sujeito encontrará terreno fértil para se desenvolver, amadurecer a consciência do seu ser pessoa e ampliar sua rede de relações. A escola é um dos espaços favoráveis para forjar um novo ser humano livre e consciente do sentido de sua existência. Se assim não for, ela perde sua função e vocação.

Nossa pesquisa durante os estudos de mestrado nos levou a querer entender as relações entre professor e aluno e seus aspectos afetivos na dinâmica da sala de aula, como ela se dá no processo organizativo do trabalho docente onde muitas vezes, especificamente na educação infantil, extrapola a figura do professor/a e encontra uma imagem paterna/materna ainda que seja a sombra da realidade vivenciada em casa a partir de laços sanguíneos.

É sabido que a escola é um espaço político em aberto, que a economia dita às regras ao longo da trajetória ensinar e aprender. Como professores, conhecemos a ponta desta cadeia processual, mas, nem sempre compreendemos a engenharia toda que faz rodar essa

instituição necessária e ao mesmo tempo ideológica, marcada por aqueles que a cada 4 anos (Brasil) tem o poder de pensa-la e repensá-la, apagando rastros e/ou colocando novos mastros para erguer sua bandeira (FOUCAULT, 2014).

Como dizíamos no começo, a vida é um tabuleiro em aberto e peças são movidas a cada instante conforme a necessidade, todavia, as peças no tabuleiro de xadrez da escola se constituem em todos nós que nos comprometemos com o processo educativo e não o percebemos da mesma maneira que o poder estabelecido de quem pensa a educação como parte do lucro de um país possa pensar. O poder joga com todas as emoções, sem que elas tenham nome, rosto, endereço. O educador comprometido joga com o nome registrado em seu diário de classe, com o rosto daquele que ele aprendeu a observar se é mais extrovertido ou não, com o nome do pai e da mãe que todos os dias deixam seu filho na escola e tem endereço fixo.

É desta relação que queremos falar e que é constantemente abalada pelas nuances do poder constituído por trás dos conteúdos, dos objetivos do ensino-aprendizagem e da infraestrutura oferecida pela escola, dentre outras. Hoje, a escola situada no entorno da comunidade e por ela assistida, passou a ser desconectada da comunidade e por ela desassistida, não por vontade própria, mas por ter se tornado apenas um “peão” no jogo, à mercê do governo/economia.

Assim sendo, lembramos um trecho específico da música de Zé Geraldo (Cidadão)³ *“Tá vendo aquele colégio moço? Eu também trabalhei lá. / Lá eu quase me arrebento / Pus a massa fiz cimento / Ajudei a rebocar / Minha filha inocente / Vem pra mim toda contente / Pai vou me matricular / Mas me diz um cidadão / Criança de pé no chão / Aqui não pode estudar”*.

Compreendamos a partir da frase “criança de pé no chão aqui não pode estudar”⁴, o real sentido da palavra estudar que está relacionado a aplicar as coisas do espírito à inteligência. E o que são as coisas do espírito? Kant nos dirá que no sentido estético ser “o princípio

³ <https://radiopeaobrasil.com.br/ze-geraldo-canta-cidadao-musical/>. Acesso em 14 de junho de 2020.

⁴ O verbo estudar significa, entre outras coisas, «aplicar o espírito, a inteligência e a memória para aprender (habilidade, técnica, ciência, arte etc.); adquirir habilidade e/ou conhecimento» ou «cursar aulas ou frequentar cursos». (Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss) In: Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consulitorio/peguntas/a-origem-da-palavra-estudar/28851>. Acesso em 14/06/2020.

vivificante do sentimento, aquilo, com que esse princípio vivifica a alma” (ABBAGNANO, 2000, p. 354). E aí nos perguntamos: a escola tem sido o lugar de fazer abrolhar esse espírito vivificante em sua totalidade, ou se tornou o lugar da “inclusão” do tudo e do nada ao mesmo tempo, através das “benesses” dos “benefícios” do Governo que comanda as políticas educacionais?

Obrigar uma criança a está fisicamente na escola, para que os pais possam receber o Bolsa Família, por exemplo, não significa dizer que esta criança esteja sendo incluída, não ao menos em sua totalidade, pois o fato da presença física não implica experimentar a inclusão que é acima de tudo garantir que esta criança esteja bem em todos os aspectos: físico, mental, intelectual, afetivo, social. É sabido muitas vezes, que a motivação forçada de ida para a escola significa “merenda escolar”, ou seja, o básico mais necessário se torna um item imprescindível acima do bem do espírito.

Ao longo do trabalho de campo em uma escola na rede municipal no município de Itacoatiara-AM, fruto de nossas experiências pedagógicas de estágio percebemos que ao longo do tempo, a escola vem tentando conquistar seus alunos e empenhando-se para torná-los pessoas capazes, críticos e conscientes de seus direitos e deveres. No entanto, as velhas práticas pedagógicas ainda utilizadas, como por exemplo, o enfileiramento positivista de sala de aula que não permite o diálogo dirigido, mas acentua o individualismo - resquícius de uma educação medieval que continua viva até hoje especialmente no âmbito da escola pública.

Estes são aspectos importantes para pensarmos a afetividade no conjunto dessas relações, pois, percebemos que quando novas práticas poderiam estar relacionadas de forma circular, por exemplo, para possibilitar o diálogo e a menos hierarquização do ambiente escolar ainda percebemos espaços manipulados pelas relações de poder que não tem na afetividade – construção dessa ‘vida comum’ parâmetro para o crescimento pessoal e intelectual. Conjuntamente com as técnicas e os métodos de ensinar.

A afetividade quando demonstrada em sala de aula, resulta em experiências positivas, trazendo benefícios na aprendizagem do aluno. A segurança e confiança depositada no professor que são construídas a partir da ‘vida comum’ em sala de aula todos os dias são fundamentais para o desenvolvimento do processo de aprendizagem.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (L.D. B), Lei 9.394/96 pontua importantes aspectos sobre a afetividade que está relacionada ao respeito, a liberdade e o apreço à tolerância, que são inspiradores para a liberdade e desenvolvimento do educando.

É incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem ele não haverá interesse, motivação e conseqüentemente não haverá aprendizagem. Morin (2015) nos fala sobre a dimensão da subjetividade que propõe uma base biológica, determinada, objetiva e outra reflexiva, que diz respeito ao sujeito que se reconhece na reflexão que faz a cerca de si mesmo. Ou seja, a educação transita entre aquilo que é naturalmente determinado e a capacidade humana de resiliência.

Se isto que denominamos ‘vida comum’ for de fato construída na amizade, no equilíbrio das relações e no interesse do desenvolvimento da criança por parte do professor/educador poderemos afirmar que também este, se realizará ao contemplar o fruto de seus esforços que não está relacionado tão somente ao ensinar, mas ser capaz de partilhar valores, pois, mesmo ainda não tendo alcançado a maturidade de suas vivências pessoais, a criança se abre para dar e receber de forma plena. Ela é capaz de perceber uma simples tristeza hoje, diferente de uma alegria de ontem, por exemplo e isso a toca de alguma forma. Como diz Emanuel Lévinas “o rosto do outro me interpela”.

A importância da afetividade na relação professor/aluno

Para compreender a importância da afetividade na relação professor/aluno, buscamos observar a prática pedagógica dos professores que trabalham com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Isaac Peres - Município de Itacoatiara-AM. O caminho metodológico proposto para essa observação segue o aporte das ciências humanas e sociais numa perspectiva de observação-participante que segundo Triviños (1987, p.138) significa “que o pesquisador considera a participação do sujeito como um dos elementos de seu fazer científico, apoia-se em técnicas e métodos que reúnem características *sui generis*, que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece as informações”, como também pelas

vias do *complexus* numa perspectiva Moriniana, que significa tecer juntos.

O foco dessas informações se encontra na criança e na prática pedagógica em sala de aula. Para isso, foi necessário organizar um planejamento e escolher uma turma para analisar o trabalho da professora, além do planejamento. Para nossa análise, as observações foram registradas no diário de campo que entendemos ser um dos principais instrumentos enquanto pesquisador para as anotações empíricas a partir da vivência em sala de aula.

O Espaço denominado sala de aula e as relações interpessoais – percepções durante o estágio.

Observamos que a sala de aula era espaçosa, climatizada e com condições para a realização de atividades como pintura, murais, cartazes e outros trabalhos expostos que reflete a interação da construção do conhecimento entre aluno e professor. Os materiais estavam à disposição dos alunos para que eles pudessem ter acesso ilimitado na sala de aula. Observei que a sala da professora Violeta⁵ tinha um clima mais favorável à criatividade e a interação professor-aluno e estava mais em sintonia movida pelo espírito de cooperação e de ‘vida comum’ diferentemente de outras experiências observadas.

A sala de aula, da professora dispunha de materiais espalhados nas paredes como: combinados, regras, palavras mágicas, numerais, tabuadas, sílabas e entre outros, não somente fruto do trabalho de Violeta, mas, dos alunos também. A professora concentrou suas atividades no clima de criatividade da sala de aula, buscando correlacioná-lo com a interação professor-aluno, constituindo-se numa tentativa de enfatizar a importância que a relação tem na construção e consolidação do processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Diante desse clima, o foco da aprendizagem, que antes se concentrava no individualismo, deu espaço para a coletividade de uma aprendizagem mais cooperativa e participativa, onde todos são importantes e o aprendizado de um implica no aprendizado do outro. A sala de aula não era mais da Professora Violeta, mas, um espaço comum dela e de seus alunos.

⁵ Nome fictício para salvaguardar o registro do informante.

A turma tinha uma disciplina interessante no que se refere a ir além do que a professora propugna como atividade. Diante das dúvidas e incertezas diante de algum exercício procuravam resolver, bem como gostavam de ler e interpretar o que tinham lido conversando uns com os outros, como se a partir dali outra história nascesse, o que é bem comum nas crianças quando se sentem livres para deixar fluir a imaginação.

Edgar Morin em seu livro intitulado Cabeça bem-feita (2003), nos diz que é preciso organizar o conhecimento para evitar sua acumulação estéril, ou seja, o conhecimento que se aprende na cadeira da escola, tem que está relacionado com as experiências de vida de cada um, uma simbiose natural que gera um sujeito consciente e apto para viver e se construir e desconstruir socialmente, aberto a novas possibilidades de ser.

A sala de aula, é a possibilidade de um espaço aberto para o mundo. Desde o momento da recepção dos alunos até o momento de se despedirem do professor no fim da jornada de um turno de trabalho ou de um dia inteiro quando falamos das escolas de tempo integral. O que ali foi construído vai marcando de forma indelével cada uma/a e isso vai influenciando no comportamento, na aprendizagem, na vida de cada um.

Durante o estágio, percebemos que a professora Violeta, responsável pelo 5º ano, sempre acolheu seus alunos com muita simpatia o que despertava nas crianças o interesse em retornar sempre à escola com prazer, sabendo da importância da mesma para sua formação pessoal e social. Violeta deixava seus alunos à vontade para participar das aulas através de perguntas, questionamentos, sem tolher a liberdade de expressão. Muitas vezes, nos deparamos com salas de aula muito silenciosas, o que não significa que a aprendizagem seja mais assertiva do que aquelas onde o burburinho se faz presente. A ‘vida comum’ em sala implica diálogo, conversa, ajustes e desajustes que vão sendo trabalhados coletivamente e cooperativamente.

Valorizar as ações rotineiras de sala de aula, torna-se um ato positivo. Perguntar como foi o resto do dia de ontem em casa, o que fizeram, como se comportaram, é uma forma de empatia necessária nessa relação professor – aluno que se estende para além das paredes da escola. Violeta chegava à escola, registrava a frequência no diário de sala, dialogava com os alunos perguntando como foi o dia anterior e

solicitava que todos preenchessem seus cadernos com a data atual. Todos escreviam a data no caderno e anotavam a sequência de atividades previstas. Para Morin (2001) a profissão de professor é complexa, onde a incerteza, e a ambiguidade das funções, é seu chão de trabalho. Em tempos de incerteza como bem pontua Bauman (2007).

Foi também possível observar que alguns dentre os alunos, não conseguiam acompanhar o andamento das atividades e demonstravam uma certa dificuldade. Um pouco mais lentos, talvez. Outros terminavam tudo mais rapidamente, portanto, Violeta acrescentava funções como de monitor, por exemplo. Logo após o recreio, costumavam propor tarefas mais lúdicas e calmas para que eles retomassem o fôlego depois da agitação do pátio entre correrias e atividades mais dinâmicas. Ao término da aula, antes de irem embora, todos recolhiam os materiais usados e assim deixavam o ambiente mais organizado.

Outra coisa que chamou atenção foi a forma de avaliação diária, ou seja, ela incentivou as crianças e criou a cultura da avaliação pessoal, ou seja, o que eles haviam escrito no caderno no início da aula, tinham de fato realizado até seu término? Ou algo ficou pendente e por quê? É importante enfatizar esse dado, pois isso gera comprometimento no ambiente escolar e responsabilidade, uma virtude importante como diária os gregos na formação do homem cidadão, respeitando as regras do bem comum.

Recursos presentes na sala de aula

Quem está no comando de uma sala de aula sabe como é difícil despertar e manter o interesse do aluno. Atualmente um dos principais desafios do professor é planejar aulas estimulantes e motivadoras e, nesse sentido, esse desafio tende a proporcionar um desenvolvimento saudável quando o foco não se centra somente no conteúdo e na aprendizagem, mas nas relações interpessoais afetivas que fazem parte da formação humana para se viver em sociedade. Piletti (2006, p.151) nos diz que “os recursos de ensino são componentes do ambiente da aprendizagem que dão origem á estimulação para o aluno”. Isso quer dizer que, os recursos servem como instrumento para os profissionais realizarem seus trabalhos na interpretação e construção do conhecimento, mas, não tão somente.

A simples presença do recurso de ensino em sala de aula não garantirá qualidade e, muito menos, dinamismo á prática docente. Porém a sua existência poderá fornecer ao docente, subsídios para que, ao utilizar o recurso de ensino, ofereça possibilidades para que os alunos ampliem sua leitura de mundo e sua ação crítica com base nas informações que o recurso venha a oferecer, também como ferramenta de crescimento pessoal, pois a aprendizagem de um novo conhecimento não pode estar desconectado da vida.

Observamos também que Violeta estimula a aprendizagem dos alunos através de recursos tecnológicos tais como Datashow, a professora faz projeção de vídeos, o que possibilita a inovação na prática de ensino e aprendizagem, bem como viabiliza a circulação de informações de forma atrativa. Além desses recursos tecnológicos, a sala de aula dispõe de jogos diversos (rítmicos, expressivos, dramatizados, simbólicos, jogos de raciocínio e concentração - dominó silábico, adição e subtração; jogo da memória; dama; mímica) que estimula a brincadeira, explora a criatividade, melhora a comportamento do aluno no processo ensino-aprendizagem e sua autoestima. Dentre esses recursos citados, Violeta utiliza diversos materiais apropriados para o desenvolvimento de atividades de corte e colagem, pintura, dentre outros, como também proporciona outros momentos recreativos e de aprendizagem como aula passeio, por exemplo.

Os recursos didáticos diferenciados do quadro e do pincel, tornam as aulas mais atrativas e dinâmicas, facilitam o aprendizado, pois eles funcionam como uma ponte mais flexível entre o conteúdo a ser aprendido e o aluno, pois é parte da vida cotidiana. Não significa que devemos abdicar dos recursos que conhecemos (livros, aulas expositivas com quadro e pincel, caderno, etc.), mas, incorporar novas ferramentas poderá auxiliar melhor a chamada geração alpha⁶.

No que foi observado, vimos também que o relacionamento da professora para com os alunos é dinâmico, pois, com sabedoria ela tenta lidar com as situações mais inusitadas possíveis. A transmissão de conhecimentos se dá numa relação constante de amizade e afetividade buscando trabalhar conjuntamente os aspectos cognitivos e psicológicos

⁶ <https://blog.fortestecnologia.com.br/classificacao-das-geracoes-entenda-como-aplicar-na-sua-empresa/>. Acesso em 20/07/2020.

para um melhor desempenho dos alunos. Essa forma de encarar a educação tem contribuído significativamente para a formação de uma consciência humana e ética. Segundo Morin (2001, p.58),

O homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (*demens*). O homem do trabalho é também o homem do jogo (*ludens*). O homem empírico é também o homem imaginário (*imaginarius*). O homem da economia é também o do consumismo (*consumans*). O homem prosaico é também o da poesia, isto é, do fervor, da participação, do amor, do êxtase. O amor é poesia. Um amor nascente inunda o mundo de poesia, um amor duradouro irriga de poesia a vida cotidiana, o fim de um amor devolve-nos à prosa.

É importante que saibamos que as novas tecnologias e ferramentas incorporadas ao ensino-aprendizagem não devem tomar o lugar do professor, do livro, do caderno, da tarefa escrita, etc. Estas imagens são parte de um imaginário saudável, do conceito de educação que foi sendo gestado ao longo do tempo. São imagens simbólicas necessárias que tornam o presente digital significativo. É preciso sermos *demens* como diz Edgar Morin. A prosa e a poesia são necessárias para tornar mais viva a imagem cinzenta da vida digital monóloga (cadeira, o computador e eu) ainda que o mundo esteja a um click, ele não tem rosto, não tem emoção, não tem as cores da vida, não é “vida comum”.

Considerações Finais

Trazer a sala de aula para o diálogo, para a reflexão é com certeza mais do que expusemos aqui. Ao adentrar por uma porta de sala de aula, nos deparamos com um mundo em evolução. Conhecer Violeta e seus alunos e refletir sobre a ‘vida comum’ da escola nem sempre prazerosa, às vezes conflituosa, marcada por pedras no meio do caminho e parafraseando o poeta podemos dizer que no meio do caminho da educação tem uma pedra, tem uma pedra no meio do caminho da educação, especialmente se referindo ao BRASIS que conhecemos.

Refletir, sobre as relações afetivas que se dá na ‘vida comum’ da escola todos os dias desde a entrada até a hora de ir para casa, supõe perceber que ainda que vivamos em tempos digitais onde as relações tendem a ser mais individualizadas, a presença da escola é o caminho que humaniza. Nela ampliamos nossa rede de conhecimentos, tecemos juntos as linhas da vida que se entrelaçam na amizade, no cuidado, no

carinho uns pelos outros. É na escola, seja ela mais simples ou mais sofisticada que existe uma presença que marca nossas vidas – o professor. Figura simbólica e mítica presente no nosso imaginário como aquele mais dedicado e próximo, às vezes, como o mais rígido e exigente, enfim, a escola é o lugar da construção mais importante de nossas vidas (infância, adolescência e juventude). Sobrou para a velhice a saudade. Que tenhamos saudade uns dos outros, que recordemos as discussões, as brincadeiras, os jogos, as disputas. Esperamos que no velho quadro de giz ou pincel esteja sempre escrito “Sejam Bem-Vindos”.

REFERÊNCIAS

1. ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
2. BAUMAN, Zygmunt. Tempos líquidos. Traduzido por Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zará, 2007.
3. BRASILIA, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.9394/96. In. Legislação de Ensino Informativo, Amazonas, n-1. 1997.
4. FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: Nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhe. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
5. GOMES, Cláudia Aparecida Valderramas In: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 18, n. 3, p. 509-518, jul./set. 2013.
6. MARTINS, André. O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
7. MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 3ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, 2001.
8. MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Traduzido por Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2015.
9. MORIN, Edgar, A cabeça bem-feita: repensar a reforma, o pensamento / Edgar Morin; tradução Eloá Jacobina. - 8ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
10. PIAGET, Jean. A linguagem e o pensamento da criança. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
11. PILETTI, Claudino. Didática Geral. 23ª Ed.-São Paulo: Ática, 2006.
12. TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. – São Paulo: Atlas, 1987.